

ALBERTO JACOB

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 22/07/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome é Alberto Abraão Jacob. Nasci dia 2 de abril de 1933, na Lagoa Rodrigo de Freitas, ali onde hoje é o Parque da Catacumba, que chamava Vila Japão Loteamento. Nasci de uma parteira, Dona Mercedes. Sou carioca, não é?

Qual o nome e atividade dos seus pais?

Meu pai veio da Síria, professor de francês, mas veio para o Brasil, como acontecia com todos estrangeiros que chegavam aqui e chamava barateiro, ele foi ser mascate. Vendia agulha, linha, tecidos, roupas porque não havia comércio grande, principalmente, na área de Ipanema e Copacabana, estavam começando a crescer. Ele se desenvolveu como todos os estrangeiros que vieram para o Brasil, portugueses, que lá na Catacumba subiam o morro para comprar garrafas vazias e depois foram donos de padaria. Cresceu, chegou a ser dono de casa de móveis. Mas durante a ditadura do Getúlio Vargas ele foi preso na perseguição aos judeus, tomaram tudo dele e minha mãe para ajudar, já fazia antes mas menos, tornou-se uma lavadeira. Eu e minha irmãs íamos para a escola levando trouxas de roupas que ela passava durante a madrugada com ferro de carvão. Não dormia, coitadinha. Entregávamos as roupas aos fregueses ali de Copacabana e Ipanema. Eu estudava e quando voltava da escola passava nos fregueses e pegava as trouxas de roupas sujas e levava para ela lavar. Meu pai é Elias Abraão Jacob e ela Raimunda dos Santos, uma brasileira nascida no distrito de Valença, Mendes. Uma ótima cozinheira, fazia doces para eu vender nos jogos, na Lagoa. O garoto naquela época estudava e trabalhava. Hoje eu vejo falar que o trabalho infantil não deve ser, mas, pelo menos, dava a gente mais responsabilidade. E claro que a gente brincava, mas tinha também a responsabilidade do trabalho e tudo. E nós crescemos ali assim, como garotos, jogando futebol. Conseguimos fazer ali um

campo de futebol. Hoje houve já a desintegração total da cidade, mas, naquela época, a classe alta tinha mais carinho, parece, com as pessoas mais humildes.

No lugar onde eu nasci, meu pai comprou o terreno e nós moramos ali, e era vazio, mas depois do êxodo, principalmente o nordestino na década de 50, tornou-se um grande favela. A favela da Catacumba. Quando tinha o aniversário de uma criança, os fregueses iam na casa da gente comemorar, levavam bolo. As madames, não é? Não havia essa diferença, havia uma integração. Eu, hoje, vejo que devíamos ter mantido isso, mas a cidade, conforme disse o Zuenir, foi partida. Essa foi minha infância. Eu fui, talvez, o primeiro gandula no futebol. Eu ia para o Flamengo, eu e meus colegas correndo na Lagoa toda para assistir aos treinos, assistir ao futebol. Eu pulava a cerca, a bola vinha, eu devolvia para os jogadores. Não havia gandula. Hoje é profissão. Chegava na partida do primeiro para o segundo tempo - a publicidade também não tinha em volta do campo como tem hoje, hoje é até luminosa, naquele época não -, a gente vestia um macacão azul, a roupa inteira, os garotos, e pegava uma tela, uma na frente e outra atrás, e íamos caminhando com a publicidade do Fimatosan, em volta do campo, no primeiro para o segundo tempo. Às vezes, com o vento da Lagoa, a torcida gozava a gente e a gente dava a volta no campo com a tela de publicidade que tinha. Depois, ganhávamos 1500 réis. Para nós era uma festa a gente entrar no botequim, no Bar Vinte, e tomar um prato de sopa. Era coisa que a gente nunca tinha, garoto criado na favela, não é? Ou íamos para o boteco do Moraes, nós freqüentávamos a igreja batista, a igreja batista de Ipanema, que surgiu na casa do meu pai. Hoje, ela tem sede própria, começou ali, depois foi para Praia Funda - os nomes vão acabando -, Praia Funda era na entrada do Corte Cantagalo, ali onde tinha um galpão dos integralistas. Mudou para Visconde Pirajá 526, hoje está num prédio da Barão da Torre perto do Morro do Cantagalo. Nós fomos criados ali na igreja e foi muito bom para a educação da gente. Naquela época, a igreja não era tão desvirtuada como hoje. E foram aulas de amor ao próximo, de ajuda às pessoas, de respeito. Além da educação que a gente recebia em casa, a religião eu acho muito importante. Eu não me batizei, sou pagão até hoje, mas o que eu aprendi guardo dentro do coração. E foi assim a infância não é? Até que eu consegui fazer um campo de futebol em frente à favela. Todos iam lá pedir à prefeitura e a prefeitura não atendia. Eu botei meu uniforme da escola porque era a maneira de eu mostrar, se eu botasse uma roupa comum eles iam ficar assim... o uniforme da escola, eu senti que me dava mais, não sei se respeito, não sei se é a palavra, mas aí o engenheiro lá da Siqueira Campos, do Instituto de Obras da Prefeitura me olhou nos olhos, eu garoto de 12, 14 anos mais ou menos. Eu expliquei a ele que a gente precisava brincar. Ele assinou a autorização. Eu levei um papel, com medo, tremendo, porque eu não

tinha caneta e me emprestaram uma caneta de tinta vermelha e na época o vermelho era olhado como comunista, mas ele autorizou. Só que a Lagoa Rodrigo de Freitas, os primeiros aterros que começaram ali era o lixo dos moradores de Copacabana e Ipanema principalmente, depois o boom imobiliário começou e começaram a destruir as casa lindas que tinham ali com pés de sapoti. Você tinha frutas como tamarindo, e começaram a demolir as casas para fazer prédios. Aquelas casas velhas demolidas eram jogadas na Lagoa para aterrar. Eu me lembro que ele autorizou e nós não tínhamos força, éramos crianças de 12, 13, 14 anos, para remover aquilo. Não tinha máquina, a prefeitura não dava nada. Naquela época nem era prefeitura, era governo do estado eu acho. Naquela época era governo federal, a capital não tinha ido para Brasília ainda. Tinha prefeitura que orientava ali, mas o governo era federal. Eu tive a idéia de procurar os mais velhos que também precisavam de um campo, rapazes de 20 e vinte e poucos anos e propus a eles que se eles ajudassem a fazer o campo de futebol nós ficaríamos com o campo na parte da manhã e eles à tarde. Eles toparam. Nós fizemos o campo e olha, foi uma alegria. Nós não tínhamos bola, ficávamos ali na Lagoa. Por ano morria dois três garotos da favela porque a Lagoa era água mansa, mas o problema era o lodo. Você mergulhava e prendia e às vezes afogava as crianças. A gente esperava lá do outro lado, tem o campo do golfe, a bola vinha e a gente ia lá contra a ordem da mãe. Minha mãe, principalmente, proibia de tomar banho na Lagoa. E pegava bola de tênis, aquele clube que tem lá de tênis, o Caiçaras. Ali que a gente começava a jogar. O garoto na favela ajudava os pais a levar roupa, engraxar sapatos ali no Roxy, em Copacabana, a caixinha de graxa. Fazia o carrinho de rolimã e as madames faziam a compra nas feiras, botávamos no carrinho e nós levávamos a compra para elas. Ganhávamos dinheiro e com isso fomos pegando de um e de outro, compramos uma bola e depois o jogo de camisas e fizemos primeiro o Vila Anita Futebol Clube. Desse nicho nasceram craques que foram para o Santos, o Haroldo jogou ali porque em Copacabana só tinha areia, precisava jogar na areia às vezes, o Jairzinho que foi tricampeão do mundo começou ali com a gente, jogando o futebol da gente. Ele morava lá em Botafogo, mas vinha jogar ali. Foram vários jogadores para o Olaria, Fluminense, Botafogo, Flamengo, só que esses não conseguiram fama, os que cresceram mais foram o Jairzinho e esse Haroldo. Bom, a infância foi essa e chegou um ponto em que eu queria ser jogador de futebol. A minha mãe, uma senhora tão boa, a gente não tinha condução, não tinha ônibus nem nada para ir a Copacabana e Ipanema, para ir à escola, você tinha que fazer a volta na Lagoa, subir o Corte do Cantagalo e chegar lá em Copacabana onde você estudava, depois eu comecei a estudar em Ipanema, estou falando isso para explicar que tinha essa distância. Na favela começou a aparecer a tuberculose,

muita gente tuberculosa. O médico receitava a penicilina e o morador tinha que sair a pé, andava dali até Copacabana, que deve ser uns 6 km, não sei se o cálculo está certo, para ir tomar a injeção de manhã e oito horas depois voltar e tomar outra. A minha mãe, com pena daquelas pessoas, passou a aplicar a injeção, mas era tanta gente que ela já não tinha tempo para cuidar da casa. Ela me ensinou a aplicar a injeção e eu ia nas casas, senhoras, moças, velhinhas doentes e aprendi a aplicar. Hoje você joga fora a ampola, antes você tinha que ferver, colocar agulha, ferver a agulha que ficava rombuda e custava a entrar, machucava. Era assim a nossa vida e com isso eu fui um garoto, um rapaz estimado, querido. Eu me lembro que eu chegava duas, três horas da manhã em casa e as pessoas me ajudavam. Não tinha banditismo, depois que veio o êxodo do Nordeste é que apareceu a maconha. Eu entrava a qualquer hora, saía a qualquer hora. Eu queria ser jogador de futebol, foi quando num jogo nosso, um rapaz cruzou a bola, quando eu subi para cabecear eu senti um gosto na boca, era sangue. Veio o sangue na boca, a respiração ficou difícil, meu pai me levou para o médico. Eu estava com pleurisia, meu sonho de jogador ali parou, eu tinha que fazer tratamento. Tratamento doloroso, esvaziou o pulmão, secou o pulmão. Era com agulhas no pulmão, não foi antibiótico. Depois é que eu tomei antibióticos. Aí o sonho passou para ser médico, eu queria ser médico. Talvez porque aplicava injeções e tratava das pessoas. Mas o problema é que não tinha dinheiro, condições para pagar a faculdade ou para transporte, alimentação. Nós decidimos em casa que tínhamos que aprender uma profissão. Que profissão? Meu pai viu que a grande coisa do profissional era rádio técnico, você consertar rádio. A televisão ainda não tinha aparecido e ele comprou uns livros para eu estudar, até passar mensagens também, mas nada daquilo me interessou. Foi quando eu fui trabalhar numa escola de uma professora minha, escola de motorista, do marido dela. Depois passei para uma firma americana, que a minha mãe lavava roupa para um secretária dessa firma e ela me levou para uma firma de maquinarias. Desde pequeno eu lia qualquer coisa, eu pegava jornal no chão que encontrava na rua para ler, a leitura para mim foi sempre importante. Apaixonado, não é? Eu saía para levar uma correspondência e entrava numa livraria e esquecia. Quando eu voltava para o trabalho me chamavam a atenção. Na livraria eu encontrei um livro de fotografia e me apaixonei pela fotografia. Você tinha que aprender a revelar filme, as químicas, metol, sulfito, até isso você tinha que pesar. Era muito difícil não é? Como eu ia seguir? O que aconteceu foi que eu passei a pegar fotografias, subir em favelas e pegava fotos, por exemplo, uma foto de uma moça com um rapaz e levava ali na praça Tiradentes, e eles faziam quadro, reproduziam a foto e botavam no quadro. A foto era separada. Eles eram até judeus, eles desenhavam eram artistas com crayon. Eles faziam terno, a gravata.

Aí comecei a ganhar um dinheiro e comprei uma máquina. Antes, teve o tio José, irmão da minha mãe, quando faleceu deu a máquina American Box para uma irmã. Mas eu segurei a máquina e fingia que batia, não tinha filme. Foi o primeiro contato que eu tive com uma máquina fotográfica. Meu pai comprou uma máquina para mim e eu comecei a fotografar pessoas, só que eu não cobrava, eu fazia a foto, revelava, ampliava a foto e levava para vender. Só que a fotografia é uma mercadoria que se o cliente não gostou ele não ficava, era um prejuízo. Às vezes diziam: meu cabelo ficou ruim. Eu ficava com aquilo na mão, gastei meu dinheiro e não recebi nada. Mas estava indo, um pagava, outro gostou. Foi quando um dia eu fotografei uma criança, eu levei com certo receio a foto, a criança chorando, a criança de lado, a criança olhando para cima. Eu disse: eles não vão gostar. Aí a mãe adorou as fotos, achou lindo. Eu disse: como é que pode isso? Aí disse: o negócio é esse. É criança. Passei a fotografar só criança e na época tinha um conjunto de fotos, chamava sete carinhas. Você montava aquilo em laboratório. Nunca ninguém me ensinou, eu fui praticando, fui fazendo. Comecei fazendo errado mas fui descobrindo como fazer e comecei a ganhar dinheiro. Foi quando um dia, uma senhora, naquela época, os artistas famosos como Cauby Peixoto, Emilinha Borba, Marlene, Angela Maria, eles tinham um fã-clube. O grande presente para o artista era colocar uma faixa no artista. E uma dessa freguesa minha de fotografia me chamou: "Você não quer ir lá na Rádio Mayrink Veiga fazer uma foto? eu vou entregar uma faixa". Eu não tenho certeza agora, mas era Angela Maria, não sei se Angela Maria ou Emilinha Borba, mas era Angela Maria. "Eu pago a você para ir lá eu vou entregar a faixa e você faz a foto". Eu fui e fotografei, eu vi lá o Anísio Silva, um garotão ainda com a esposa, me esqueci o nome dela, o Cid Moreira, todos rapazes ainda. Eu fiz as fotos, o pessoal abraçando, conversando. Tinha um rapaz que disse para mim: "você não quer levar isso lá para a revista do rádio, a revista do rádio pode se interessar por isso". Ele trabalhava na Revista do Rádio. Eu levei para o Anselmo Domingos, que era o diretor da Revista do Rádio e o Borelli Filho. Olha, eles gostaram tanto do trabalho, aí eu saquei: puxa, eu vou passar a fazer isso. Eu passei a freqüentar a Rádio Nacional, ali era a meca dos artistas. Passei a freqüentar os programas César Alencar, Manoel Barcelos, Paulo Gracindo, quinta-feira era Manoel Barcelos, sábado, César Alencar, acho que domingo, Paulo Gracindo. E ali tinha as fofocas, os artistas se abraçavam e tudo. E eu fazia foto e levava para a Revista do Rádio e eles publicavam. Foi quando eu percebi que o grande assunto da revista do Rádio era esses artistas. Emilinha, Cauby, Francisco Carlos, que é El Broto, Marlene, que era sempre capa. Mas coitada, Dolores Duran, tem um monte de cantoras que ficavam em segundo plano mas eu fazia foto delas, tinha um sessão chamada flagrantes que eles publicaram. Eu ficava com pena dos

artistas de segundo plano que não tinham visibilidade mas fui fazendo esse trabalho e fui aparecendo. Eles foram aparecendo, Dolores Duran, minha memória não me deixa lembrar.

Qual era a importância da Revista do Rádio, nessa época?

A Revista do Rádio, como o rádio no Brasil, teve uma grande força com o rádio teatro, que era uma paixão do povo, os artistas do rádio teatro que eu fazia matérias e tudo e acabei sendo contratado, contratado não, fazendo *freelance* para a Rádio Nacional. Eu não pedi esse caminho, eu não procurei esse caminho, foram coisas que foram acontecendo. Foi quando a Rádio Nacional tinha o jornal A noite, chamava Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional. O governo era Juscelino (Kubitschek). Foi quando houve uma gripe asiática e vários profissionais do jornal ficaram doentes. Aí me pediram para ajudar no jornal A Noite. A rádio era no 12º e o jornal era no 3º andar. Três meses depois o jornal fechou e eu voltei para a rádio e recebi um convite, para trabalhar na Bloch Editores. O Bloch tinha lançado uma revista chamada Sétimo Céu e queriam que eu fosse coordenador. Eu, na Rádio Nacional, arrumava as moças, rapazes, até o artista também para fazer as fotonovelas. Era um ramo que estava acontecendo no país porque as fotonovelas todas eram importadas. Tinha uma revista chamada Grande-Hotel que eu acho que era espanhola, não era nossa, sei que era montada aqui mas as histórias todas eram da Espanha, eu acho. Então, o Bloch estava lançando umas histórias brasileiras. Dentro dessa história da fotonovela tem uma história que eu nunca me esqueci. Eu estava começando, não conhecia ninguém ainda, foi quando tinha um jipe, a Manchete botava os rapazes e as moças no jipe, para ir numa praia, numa praça para fazer as fotos no diálogo e tudo e eu orientava: o rapaz fica desse lado, a moça desse lado, faz assim, levanta a mão... Eu lembro que não conhecia ainda o pessoal todo da Manchete e chega um senhor, tira um lenço e ele cuspiu muito. Onde vocês vão? Nós vamos fazer fotonovela. Vocês vão porcaria nenhuma! Vocês vão é fuder, às minhas custas não, às minhas custas não. Eu fiquei olhando aquele senhor. O homem subiu, foi falar com o Arnaldo Niskier. Aí que eu fui saber que ele era o Adolfo Bloch. Mas, por quê? Ele tinha um ajudante lá que devia fazer fofoca. Viu moças e rapazes juntos num jipe, pensou que era galinhagem, não era trabalho. Aí nós fomos fazer a fotonovela e paramos em Copacabana, ali estava um rapaz, Roberto Braga, que estava atrás de uma cortina, parece que guardou uma vassoura. Porque é o seguinte: naquela época, para aparecer na revista, no jornal era uma coisa meio difícil. Hoje tem aí, as moças posam e tudo, naquela época era muito difícil não tinha essa apresentação assim de artistas, das pessoas. Nós pegamos ele e fizemos a fotonovela, quem contracenava com ele era da TV Tupi, a

Neide Aparecida. Agora eu vou dar um pulo para mostrar que anos depois esse rapaz cresceu. Já no Jornal do Brasil eu fiz uma matéria com ele quando ele foi no Teatro João Caetano e deram para ele uma coroa, eu fiz uma matéria, uns anos adiante e esse rapaz foi coroado como o Roberto Carlos, o Rei. Mais adiante, eu já na Prefeitura, há uns 4 anos atrás, eu estava no Aterro do Flamengo fazendo para a prefeitura o show dele de final do ano e fotografando. O primeiro número que ele cantou, eu fiz as fotos, e, de repente, eu parei e disse: puxa aquele garoto que precisou de uma fotonovela para aparecer hoje é nacionalmente conhecido. E pensei: Eu vou ficar agora assistindo ele, para assistir um pouco ao show. Foi quando apareceu uma ex-colega minha do Globo: "Sai Jacob, não pode ficar aqui". Fui embora pensando comigo: um rapaz que precisou de uma divulgação numa revista de fotonovela hoje tem a mídia toda aos pés. Essa é a história que eu tinha do Roberto Carlos.

Vamos voltar então, eu então continuei na fotonovela, fui deixando a Rádio Nacional, mas me deu uma tristeza muito grande porque eu tinha um arquivo. As pessoas ligam para mim quando sabem que a Revista do Rádio tem trabalhos meus. E lá na Rádio Nacional tem duas histórias que eu fiquei sentido. Uma foi que o Cauby Peixoto com uma moça que me apresentou e disse que era a noiva, eu entrevistei, que eu não tinha máquina de escrever, eu fazia o texto todo manuscrito e levava para a Revista do Rádio com as fotos. A revista deu quatro páginas e depois eu soube que uma fã lá da Baixada Fluminense suicidou-se, porque naquela época as pessoas eram muito apaixonadas pelo artista. Era paixão de amor, de querer a pessoa. Outra história foi a Dolores Duran: "Jacob, eu estou te convidando para ir na minha casa, não leva máquina. Eu quero que você vá lá como convidado, eu vou fazer um almoço. Eu não estou chamando o fotógrafo, estou chamando você". Eu entendia isso, que todos eles falavam assim para não dizer que... Eu fui, levei a máquina, fotografei e tinha o Trio Irakitan que deu beijo nela e eu fiz a foto e a Revista do Rádio publicou a foto. Olha... eu me lembro, que tem a coxia, quando o artista vem e fica esperando ali a hora que o apresentador chama para entrar no palco e cantar, ela passou por mim e não falou. Eu cheguei para ela: "o que é que houve?" "Você sabe o que é que houve, falei para você que não queria... você criou um problema para mim". Logo depois, tinha um projeto que o Brasil mandava para fora os artistas para divulgar a música brasileira, ela foi, foi um conjunto do Rio Grande do Sul, foram outros artistas e lá houve um problema dos componentes com ela, com a outra artista, eu sei que no apartamento dela na Gomes Carneiro ela apareceu morta. Não sei se ela tomou remédio demais... Aquilo ficou comigo, será que eu colaborei para isso, não sei não, acho que foi problema lá fora...

Esse foi meu período de Rádio Nacional. Aí a revista Sétimo Céu eu me lembro, fiquei lá na Bloch, e eu me lembro que o Bloch olhava sempre com os olhos, é claro, comercial, se acontecesse um crime que abalasse a cidade, eles faziam uma reconstituição tipo fotonovela. Lançaram uma revista chamada Flagrante. Com a Fera da Penha, a amante que matou a filha do amante. E também a Sétimo Céu, quando um artista fazia sucesso ele contava a história do artista. Foi nesse tempo que o Anísio Silva, era um grande cantor da época: "Alguém me disse... que... novamente...". Era o sucesso da época. O Victor Gomes, que fazia a Sétimo Céu, entrou de férias ou saiu, não sei, e o Arnaldo Niskier me chamou e disse: "Jacob, temos que fazer a vida do Anísio Silva". E eu, como freqüentava a Rádio Nacional, fui para o Anísio e fiz a entrevista da vida dele, como ele começou, como ele trabalhou e tudo. Peguei os garotos na Catacumba, parecidos com ele. Uma coisa que eu acho tão interessante no nosso país, na nossa cidade, é que todo o tipo de gente que você quiser pegar aqui parecido você encontra. Você encontra um Pelé, encontra qualquer artista, qualquer figura conhecida você tem gente parecida. Eu então fiz uma fotonovela, deu capa, foi um sucesso, contando a vida dele, que ele foi um garoto que trabalhou numa farmácia ali no Largo do Machado, como ele começou a cantar e tudo. Bem, aí criou um problema porque o Victor Gomes quando voltou, achou que eu não devia ter feito aquilo. Foi quando o Hélio Santos, meu colega, viu um trabalho meu e desceu lá para o Adolfo e disse: "Pôxa, o rapaz é muito bom". E me passaram para a reportagem da Manchete. Só que eu não fazia grandes reportagens, só fazia coisas como as visitas do Adolfo Bloch. Aí, eu sentindo que as revistas precisavam de matérias, tinha Manchete, Fatos & Fotos, a revista Jóia, eu passei a sugerir. Eu mesmo fazia pautas e levava para o Arnaldo e aí eu comecei a aparecer.

Que tipo de matéria?

Sobre a cidade. Por exemplo: viajava para fazer, o que se chamava "marreta do Adolfo", era uma matéria sobre o estado, talvez Minas Gerais, que vai abrir ruas, fazer estradas, mas lá, conversando, lá eu conheci o Gabeira, inclusive, num bar. Eu sempre fui uma pessoa que conversa com mendigo. Puxo conversa porque todos nós temos histórias e às vezes você conversando descobre alguma coisa. E com isso eu trazia matérias da cidade do Drummond. Fui fazendo matérias de cidade, matérias de comportamento. Uma cidade de gêmeos como eu descobri, numa cidade perto de Rio Preto. Botei na praça assim só tinha gêmeos. Eu fui crescendo profissionalmente, comecei a viajar e fui aparecendo profissionalmente e passei a fazer coisa mais importante e cresci. Foi quando houve o 31 de março de 1964.

Antes disso, qual era a importância da Manchete?

A Manchete levou vantagem em relação à Cruzeiro, porque o Bloch era excelente gráfico. Quando a Manchete surgiu, as cores da Manchete, os assuntos que a Manchete dava, superavam O Cruzeiro longe. E também apoiou a criação de Brasília, o Juscelino deu força, ajudou. A Manchete cresceu pela apresentação e pela qualidade dela. Nós fomos juntos, crescendo juntos. Na Manchete fui condecorado pela Marinha com matéria sobre a Guerra da Lagosta. Vieram pescadores da França nas nossas águas, pescavam lagosta. A Marinha brasileira tomou a atitude de proibir, aí a Marinha francesa mandou a esquadra dela para cá. Eu fui o único profissional dentro do navio Barroso, peguei um helicóptero e subi, podia ser metralhado - isso lá em Recife. Fotografei quando parecia que ia acontecer um confronto, foi quando a Marinha francesa retorna e eu documentei isso. Eu fui condecorado pela Marinha. Eu, Arnaldo Niskier, o Alberto Dines e o Fernando Pinto, que estava comigo. Por causa dessa matéria da Guerra da Lagosta. Fazia matéria para a revista Jóia, feminina, para a Fatos & Fotos, para a Manchete e foi um período até que aconteceu o 31 de março. Fiquei lá até 31 de março, fiquei até mais além um pouquinho, porque uma coisa que eu não concordava é que a gente pedia aumento de salário e não tinha aumento. Eu trabalhava de *freelance* para outros órgãos. Talvez fosse errado, mas eu precisava ganhar dinheiro.

Como era a situação da profissão? Tinha sindicato?

Eu até fui ligado ao sindicato na época do Jornal do Brasil, mas a coisa lá era muito mansa. O sindicato levava para as empresa as reivindicações e nesse período não havia muito confronto. Mais adiante é que houve confrontos brabos. Se fazia greve, depois de 1960, na década de 1960. No meu período me lembro que a coisa era mais pacífica, o empresário entendia as necessidades. Quando não havia um acordo o sindicato ameaçava uma greve porque o que aconteceu na nossa época era o seguinte: se você parasse de trabalhar não tinha jornal, não tinha revista. Tinha o pessoal das oficinas, que imprimia, eram juntos, todo mundo parava. Não sei se foi a ditadura que tirou a data de acordo salarial, botou uma lá e outra cá. Enfraqueceu o jornalista. O que aconteceu: os jornalistas quando faziam a greve e as oficinas ainda estavam rodando, era só pegar matéria de gaveta e o jornal ia saindo. O jornalista perdeu uma das pernas para forçar um acordo. Foi um período difícil esse e ainda está até hoje, eu acho. Antes eram juntos, os jornalistas com o pessoal da oficina, da impressão. Se parava, parava tudo, não tinha jornal. O empresário logo resolvia o problema. Mais adiante, não me lembro se foi no governo da ditadura, eles desvincularam as datas. O jornalista perdeu uma das pernas na luta sindical.

E na noite do golpe militar, onde você estava?

Eu estava na revista Manchete. Começou aquela turbulência do governo João Goulart. No governo do Jango, eu me lembro que o operariado todo reivindicando a reforma agrária, melhores salários, os sindicatos todos apoiando, mas a direita queria derrubar o Jango. Interessante como eram as eleições. Você votava num vice e num presidente, não é como hoje que é a chapa. Foi eleito o Jânio Quadros que era da direita e elegeu o Jango que era da esquerda. O Jânio fez o que fez, não sei se ele achava que o povo apoiava ele, tomou uma bebedeira e saiu do poder. A direita ficou possessa com a vinda do João Goulart da esquerda. Eles elegeram um presidente e iam ganhar outro dois anos depois. Foi quando começou a pressão contra o Jango que não estava nem no País. Para ele assumir fizeram o parlamentarismo. Ele veio, assumiu, mas botou em votação e o povo botou ele como presidente. Fez um plebiscito e ele ganhou. Jango fazendo discursos, operariado todo apoiando. Eu me lembro que começou a luta do operariado contra o comércio, invadindo. Eu estava em Caxias, acho que é Caxias, quando houve o quebra-quebra, nós fomos para lá e o pessoal saqueando armazém. As Casas Sendas estava começando, os super-mercados, chamava de mercadinho . Saqueando e tiroteio porque tinha a "polícia mineira" dos comerciantes defendendo. Eu entrei naquilo fotografando. Quando você é profissional você esquece dos perigos, você quer documentar o fato. Foi quando eu ouvi uma voz: "Jacob, filho da puta". Quando parei e olhei era o Amado Ribeiro da Última Hora. "Sai daí, rapaz! Você vai ser morto aí e sua família fica como?". Foi quando eu vi o perigo que estava correndo. Lembro que pegaram o fundo de um fuzil e meteram num rapaz, o queixo caiu. Bom, depois veio o discurso do Jango aqui, houve a Revolta dos Marinheiros, que eu cobri, ali na Rua Ana Néri, cansativo. O líder dos marinheiros, o Cabo Anselmo que eu não sei se ele mudou depois ou se ele já era contrário, mas acho que ele mudou depois.

Você esteve lá no Automóvel Club?

Cobri aquilo para a revista Manchete, estava na Manchete. Até o Gervásio Batista era para me substituir e não apareceu. Fiquei uma noite e um dia lá, cansado. Aí eu voltei. Era discurso, reivindicações. O governo tem que fazer isso, aquilo. Não me lembro bem. Reivindicações sociais e também dos marinheiros. Era a divisão das Forças Armadas. De sargento para baixo com os oficiais para cima. Talvez as reivindicações que eles precisavam, o que eles queriam, o caminho que o País devia seguir e que para eles não estava correto. Cada classe defendia seu ponto de vista.

O Jango percebeu que ele tinha apoio. A classe baixa tanto na vida comum como nas Forças Armadas são mais gente que os oficiais, os comandantes, esses são minoria. Ele sentiu aquela força, não sei se ele deveria ter contemporizado mas ele tomou força e foi adiante, fez aquele discurso na Central do Brasil. Bem, tudo é pretexto para a direita derrubá-lo.

A gente está falando de uma época muito turbulenta. A Manchete dava furo, tinha censura?

Olha, nesse período a Manchete dava, apesar de a gente não ter acesso a muita coisa. Nesse período até interessava aos patrões jogar mais lenha na fogueira. Os patrões, talvez, os jornais, o Correio da Manhã, eles queriam realmente era tirar o Jango. Foi quando houve o 31 de março. Aí chegou o auge e a coisa estourou. Quando Magalhães Pinto, em Minas Gerais, Ademar de Barros, em São Paulo, e o Lacerda aqui, são os líderes civis do golpe... Aquele Mourão Filho saiu de Minas com a tropa, eu me lembro que mandaram os colegas, e saiu uma tropa daqui para defender o Rio de Janeiro. Parece que eles vinham para invadir o Rio. Mas chegou lá na cidade de Três Rios e os militares se abraçaram e coisa e o Arnaldo Niskier chegou para mim, eu cansado e tudo. Ele era um chefe de reportagem de maneira calma, amiga de falar. "Olha eu preciso da sua ajuda, dá um pulinho lá no Palácio Guanabara, tenta entrar lá". Estava em pé de guerra, a notícia, a coisa estava tão ruim que o almirante Cândido Aragão, que era o comandante dos Fuzileiros Navais, invadiu o palácio para prender o Lacerda, matar o Lacerda. Aí eu fui para lá, o motorista me deixou à noite lá, uma chuva fina, o general Salvador Mandim, que era o secretário de Serviços Públicos, cercou o palácio com caminhões de lixo. Tinha barricada com sacos de areia e aí eu quis passar, mas os policiais: "não pode, não pode". Eu parei e eles: "não pode ficar aqui, tem que caminhar". Eu, às vezes, fico pensando, pode perguntar aos colegas, eu nunca voltei sem nada do trabalho para a redação, o 'NF': nada feito. Eu comecei a caminhar para lá e para cá, chuva fina, um frio. Numa daquelas passagens eu vi descer na escadaria do palácio três pessoas e uma delas era o Carlos Lacerda, de japona. Eu corri: "Governador? Governador?". Eles pararam, já noite, o som ecoava mais forte. "Eu sou da Manchete" e ele fez assim (gesto). Os policiais abriram, eu entrei, ele discursou ali porque o clima estava tão desanimado. Ele fez um discurso, ele tinha um poder de falar, de dizer e de escrever tão forte, eu me lembro que os policias estavam chateados, de cabeça baixa ali e de repente cresceram e seguraram nas armas e ficaram em posição. Ele entrou no Palácio e eu entrei com ele. Ficamos lá dentro e a gente ouvia: "O Aragão vem aí! O Aragão vai invadir o Palácio!" A gente ouvia isso, aí ele pegava a metralhadora e ele de um lado para o outro com a

metralhadora. Eu fiquei no salão, tinha hora que eu ia lá nos fundos, porque o Palácio Laranjeiras do João Goulart é em cima. O Palácio da Guanabara, do governador, é embaixo. O pensamento era que eles viriam pelos fundos porque na frente estavam todos acantonados com armas, mas nos fundos não tinha, era aquela mata ali. E o Lacerda ia até lá, eu ia com a máquina, com a roliflex, e depois eu fiquei pensando: se ele aparecer, a turma como é que vai fazer. Eu vou entrar debaixo daquela mesa ali para fazer foto. Se acontecesse a invasão do Palácio era para fuzilar todo mundo, talvez. Foi quando eu me lembro que ouvimos um tiro e aí o Lacerda passou com o fuzil, a metralhadora e o Lacerda falou: "Vem Aragão, vem Aragão, aqui você vai encontrar a defesa da liberdade" e eu fotografando ele. A gente não tinha água, tinha que tomar meio copo d'água só, estava isolado, não tinha telefone. Mais aí o morador do prédio em frente, jogou um fio e ligou um telefone. Lá pela madrugada, umas duas horas da manhã, três horas da manhã, veio a ligação de que, eu me lembro que ele falou: "é verdade, é isso mesmo? Que bom, que bom!" Veio a informação de que não houve confronto da tropa de Minas com a tropa do Rio de Janeiro, tinham se irmanado. Eu fotografando e tudo e esse tiro que nós ouvimos, só mais tarde que eu vim saber, que era um dos soldados que estavam com roupa de PM, não era gente preparada, inclusive, para defesa e que o fuzil disparou sem querer, ele estava com uma cólica violenta e o fuzil disparou e ele se cagou todo. Diz que foi um mau cheiro danado, correram para o almoxarifado com ele. Isso eu vim saber mais tarde. O Palácio estava vazio, tinha gente mas poucos, foi amanhecendo o dia, inclusive. Começaram a aparecer pessoas, adeptos do lacerdismo, todos com o pescoço amarrado de fita azul. Amanheceu o dia e o Arnaldo Niskier manda um repórter para lá. O período mais difícil eu passei sozinho. O nome dele é, esse rapaz chegou a senador duas vezes, Odacyr Soares. Ele levou alimento para a gente comer, não tinha comida, os PMs lá foram pedindo, pedindo e eu acabei ficando sem. Me lembro quando eu voltei e aconteceu o último lance do golpe. Ficou declarada a derrota do João Goulart quando dois tanques dos irmãos Etchegoyen desceram do Palácio Laranjeiras e vieram pela rua Farani com o lenço branco, os dois tenentes, dois tanques. Me lembro que aqueles vestidos como PMs, depois soube que eram soldados do Exército que estavam vestidos de PMs, encontrei um garoto da Igreja Batista que eu freqüentava, ele morava no Morro do Cantagalo, o Nicodemos, e o comandante deles era o tenente Jorge. Esse tenente pega uma granada e corre para cima dos tanques que vinham em direção ao Palácio Guanabara, do Lacerda. Foi quando as pessoas: "Não, não, não!" Lacerda: "Não, não, não!" Correram junto e bloquearam a passagem dele. Aquilo era sinal de que os tanques vieram apoiar Carlos Lacerda. Foi quando Carlos Lacerda com o grupo dele desceu e foi uma

festa. No fundo, um silêncio no caminho do Palácio das Laranjeiras, o povo em silêncio lá no Jango e aqui, no Palácio da Guanabara, uma festa, o Lacerda subiu no tanque, abraçou. Eu fotografei tudo isso, é o único material que tem. Aí é que vai dar o caminho para o Jornal do Brasil.

Fui para a Manchete cansado, sem alimento, e lá eu vi na mesa do Justino Martins, estava o José Ghivelder, o Justino Martins, que era o diretor, o Raimundo Magalhães Junior, o Adolfo Bloch sentado e um frango lá sendo comido e eles me oferecendo. Estava tão cansado que não comi. Fui revelar as fotos e ia editar, a Manchete saía às segundas-feiras e Fatos & Fotos quinta-feira, eu não me lembro bem de 31 de março para 1º de abril que dia caiu da semana, não me lembro, sei que fizeram Fatos & Fotos. O Dines dirigia a Fatos & Fotos, tanto é que uma das fotografias foi usada no Jornal do Brasil, ele estava no JB e na Fatos & Fotos e parece que ele não apareceu para fechar a Fatos & Fotos. Eles mesmos fecharam a revista. E aquilo criou um problema e acho que ele ficou só no JB e saiu da Fatos & Fotos. Foi quando ele me propôs, logo a seguir, para eu ir para o JB. Eu disse: "Dines, o salário lá na Manchete, eles sempre dizem que vai sair o aumento, vai sair o aumento...Dines, eu posso ser frila?" "Está bom, faz os frilas". Comecei a sair na rua e qualquer lugar que eu via uma história começava a fotografar, geralmente saía no Caderno B e saía texto e fotos minha no Jornal do Brasil. Bem, fui ganhando um dinheirinho até que um dia o Pelé veio para o Rio de Janeiro, o Santos ia jogar não sei se com o Botafogo ou Flamengo. No Maracanãzinho tinha uma moça que tinha dado um show de miss, a Vera Lúcia Couto, foi Miss Brasil, uma mulata também. Essa moça estava em Petrópolis. Eu cheguei para o Dines e disse que a gente podia fazer uma matéria com os dois. "Vamos fazer, eu te dou um carro para ir à Petrópolis". Eu nem liguei para a moça, nem sabia como é que estava, peguei um carro às 6 da manhã, fui lá, encontrei com ela e deu tudo certo. Nem tinha falado com Pelé também, trouxe a moça e o Pelé estava aqui no Hotel Novo Mundo, entrei com ela no hotel e apresentei ao Pelé, se abraçaram, conversaram, caminharam, passearam e eu fui fotografando. O Caderno B deu duas páginas, chamada na primeira. Foi quando houve o problema na Manchete, aí me chamaram e eu disse: "tenho pedido aumento e não vem, tenho problemas e tenho que resolver e não tenho dinheiro". Aí me disseram que eu ia ganhar o mesmo que ganhava o editor Nicolau Drei. Eu sou um cara muito bobo, eu vejo que as pessoas guardam segredo, mas os colegas me perguntaram e eu disse que ia ganhar igual ao Nicolau Drei, o chefe. Houve um reboiço e depois o secretário do Jaquito disse que não estava certo ainda, então, eu fui para o JB, nem pedi demissão nem nada. Fui para o JB e em 6 meses no JB consegui ganhar cinco prêmios de primeira página, de melhores fotos e uma de segundo lugar. O estímulo

que o jornal deu de criar, de você sair e fazer, eu fui crescendo e fazendo matérias. Saía com repórter e saía também sozinho às vezes. Chegou até um ponto deles me darem um carro com dinheiro para almoçar na rua e sair sem pauta, olhando as ruas, vendo as coisas. Voltava com três, quatro matérias de cidade, matéria que até a Veja republicava depois. Acontecia de ver 3 ambulâncias saindo andando desesperadas e falar para o motorista: "Vamos lá, vamos lá". Chegando lá eu vejo o super-mercado que desabou na Zona Norte e eu fiquei apurando e fotografando. Vi uma criança debaixo de uma das vigas de concreto que caiu na perna, os médicos dando injeção e tudo. Eu me lembro que acompanhei aquela menina que dizia: "moço, mamãe está esperando o pão, eu vim comprar o pão para mamãe". Aí ela saiu na maca. Foi a primeira página do jornal, eu pedi ao motorista para ligar para o jornal para pedir que a coisa era muito grande. Eu sei que eles deram primeira página, um texto analisando, peguei um engenheiro que analisou o concreto lá que era de má qualidade. Eu fazia isso, saía e descobria. O motorista Tião dizia: "Jacob eu vim trabalhar hoje mas minha mulher está doente, não sei o que faço". "Ô Tião, pega a mulher e vamos lá no hospital, leva ela". "Não, Jacob, não pode, vou ser demitido". Mas nós levamos ela no carro e enquanto estava sendo medicada eu conversava com um com outro, o negócio é conversar, de repente, começava a descobrir pontos de dificuldades que o hospital, os atendentes passavam e voltava com matéria boa. Passei um período grande assim no jornal e também na rua sempre atento. Sempre digo para os estagiários, motorista, fotógrafo, repórter, todos três tem o mesmo valor. É como o diretor de uma firma que quer tomar um cafezinho, a moça que faz o cafezinho tem o valor dela porque ele não vai descer para fazer o café. Então, o tratamento das pessoas, a ligação com as pessoas, é importante você ter o mesmo tratamento porque um depende do trabalho do outro e a soma disso é que faz o bom repórter, o bom fotógrafo. Eu me lembro que quando fui para O Globo, a gente parava para almoçar, o jornal dava dinheiro para o almoço. Quando fui para O Globo, me lembro que uma vez saía com o repórter e o chamei para almoçar e perguntei: "e o motorista?" "Ele se vira". "Não é isso, rapaz". O que acontecia era que esse motorista, se você estivesse com pressa para chegar em algum lugar, podia dar uma volta maior se você não conhecia o lugar. Comigo não, no JB, principalmente, o tratamento que eu dispensava como igual, às vezes ele via uma coisa que eu não tinha visto e dizia: "Jacob, olha lá". Ele mesmo parava e eu fotografava e depois apurava. É um trabalho de equipe, o jornalismo, de soma, de comportamento, de tratamento, de interesse da notícia e a minha vida no jornal foi assim. Ganhei o prêmio Esso de fotografia também tudo por iniciativa própria. Cheguei tarde no jornal e meu chefe: "Pôxa, de novo atrasado". Um engarrafamento tremendo no centro da cidade. Fui

e entrevistei o guarda de trânsito que estava já louco, não tinha controle nenhum sobre o trânsito, os carros todos embaralhados e ele botava a mão na cabeça porque não tinha como controlar o trânsito, depois fui para a rua do Acre e a rua do Acre toda enrolada também. Subi num prédio de dois andares e estava fazendo uma foto geral para mostrar o embaralhamento, quando ouvi um barulho: "Pára, pára!" Olhei para baixo e parecia ser uma trouxa de roupa debaixo do ônibus. Eu comecei a fotografar, quando vi era uma freira debaixo do ônibus. O ônibus podia ter passado por cima dela, bateu nela, jogou no chão. Eu descí, levaram ela para um bar, eu fui e conversei com ela, estavam dando água para ela acalmar, tentei entrevistá-la e ela disse: "não meu filho, eu sou de Minas Gerais, minha família é de Minas Gerais, isso vai causar pânico para ela". O jornal deu primeira página, mas depois, mais tarde quando ganhou prêmio, a Magda de Almeida pela vestimenta da freira descobriu a que ordem religiosa ela pertencia, foi lá e entrevistou. Foi um período muito rico no JB porque eu acho que dava a liberdade de criar, de estimular sua criação, seu interesse, vontade de fazer as coisas, isso é importante.

Ao mesmo tempo em que o jornal te dava liberdade, a gente estava em plena ditadura, como era fazer fotografia na ditadura?

No início do governo Castelo Branco a gente tinha mais liberdade, a censura não era tão grande assim, então, você documentava, mostrava mais ou menos o que estava acontecendo. Claro, a coisa foi endurecendo e eles colocaram dentro do jornal militares para censura. Mas você tinha um jeitinho na hora de escrever a matéria, um jeitinho de tapear, tu não dizia que o cara acusou isso, o cara sugeriu isso. Os censores militares, oficiais que estavam dentro dos jornais censurando, eles eram chamados a atenção porque deixavam sair a matéria, a pior coisa que aconteceu foi quando chamaram o editor do jornal, no meu caso, o Dines, para ele mesmo censurar. Era autocensura, então ele, quando tinha um assunto que era mais duvidoso, ele tinha que ligar para os militares e eles diziam: "isso aí não, não pode sair". Esse foi um período difícil mas antes do AI-5, a gente não tinha toda a liberdade mas tinha mais liberdade do que depois, com fotos e tudo. Eu me lembro que tem três ou quatro matérias que eu fiz que não foram publicadas, foram censuradas. Uma foi um cerco em Angra dos Reis, tinha oficiais dos Fuzileiros Navais. Chegamos lá porque a notícia era de que tinha subversivos mas só que chegou na cidade e não tinha nada. E os coleguinhas botaram um jogo de futebol e ficou todo mundo lá jogando. Mas achei que tinha um negócio, eu não achava que aquilo podia ser verdade, como disseram que tinha isso e não tem? Fui até o mar, a praia e conversando com o pescador e ele disse que tinha uma ilha e que os

militares estavam todos lá, cercaram tudo aquilo lá. Aí eu peguei o barco, fui lá e fotografei. Os fuzileiros todos na ilha cercados. O Cunha, que era um colega da Folha de São Paulo ou do Estadão, não me lembro bem, passou a matéria dizendo que não tinha nada e fotografou os coleguinhas jogando futebol. Eu sei que nós do JB fizemos a coisa, mas a matéria foi censurada e não foi publicada. Outra vez foi um cerco no Alto da Boa Vista que me mandaram para lá. Os militares tinham cercado o Alto da Boa Vista e tentei ir pela Tijuca, mas não passava, tentei pela Barra e também não passava. Percebi que tinha ônibus que fazia o trajeto, guardei a máquina, tapei com o paletó e peguei o ônibus. Lá no Alto, o pessoal do Exército com fuzil, pararam e vieram revistar os ônibus, eu pedi a uma velhinha que estava do meu lado que segurasse a máquina para mim. Lá no Alto, para descer, peguei a máquina e comecei a fotografar o movimento da tropa. Não sei se ali estava sendo enterrado o Rubens Paiva, aquele político e advogado, deputado. Talvez, eu podia ter sido preso ali. Quando eu estou fotografando eu vejo alguém: "Jacob, filha da puta, vou ter que te prender". Era o Roberto Guaranis do Para-Sar que eu tinha feito várias matérias com ele na Amazônia, na Bahia, numa enchente que teve e ele fez uma amizade assim que até algumas matérias que ia acontecer ele me contava, eu até sugeria viajar para ir fazer. Ele: "Sai daqui rapaz, sai daqui!". Peguei o ônibus e desci. Tinha todo o material feito e recebi o elogio do Luiz, o motorista, ele me elogiou: "Jacob, você é foda!". Entrei no carro, levei, revelou e tudo e não publicaram. Outra coisa: tinha uma loura dos assaltos a banco, não era assalto, era expropriação, o que acontecia. No jornal, chegou um período que você não tinha mais confiança nos colegas. Quando a gente ia conversar sobre os acontecimentos, ia para o banheiro para falar, mas depois entrava alguém e você não sabia quem estava a favor ou contra. Foi um período duro na redação do jornal, você não sabia quem era dedo-duro e quem não era. Às vezes a gente ia lá, fingia que urinava e o sujeito dizia: "cuidado, esse aí é o saca-pau". O cara que fingia que ia mijar para poder ouvir as histórias e passar depois. Lembro que eu fiz uma viagem de avião, um cara entrou, sentou do meu lado, aí ele começou a falar contra a ditadura e eu comecei a falar e de repente, eu desconfiei porque eu passei de um vôo, pegamos outro para outra cidade, aí eu disse: "não, tem coisas boas". No Jornal do Brasil tinha a Soninha que dava a passagem, que encaminhava o dinheiro para viagem, que tomava conta da redação, de repente, veio um senhor simpático, não me lembro o nome dele, um gentleman, um cara bom mesmo que autorizava as passagens. Bem, esse cara mais tarde eu descobri, era delegado da Polícia Federal. No Departamento Pessoal também tinha um outro funcionário bom, também da Polícia Federal. Chegou um ponto em que você não tinha confiança em ninguém. O clima estava tão ruim que você não sentia liberdade de conversar, de

discutir problemas. Foi quando fizemos o assalto a banco que era expropriação, a menina chegava e fazia um discurso dentro do banco. Acontecia o seguinte: a gente lá no jornal você contribuía, porque havia muitas demissões, não no jornal, mas eram militares sendo demitidos, funcionários de outros lugares, era uma maneira de você recolher dinheiro para ajudar as famílias. A coisa foi ficando insuficiente e partiram para assalto a banco, que chamava expropriação. Chegava no banco, fazia um discurso contra a ditadura e pegava o dinheiro. A gente era espancado na rua, como eu fui várias vezes preso, humilhado e cuspidos. Teve um tempo que a gente combinou trabalhar juntos, não ficar um lá e outro cá, todo mundo de todos os jornais juntos para evitar isso. A gente discutia essas coisas, como fazer, dessa coisa fizeram uma reunião para ir num apartamento que, depois fui saber, chamava-se aparelho. Eu fui a duas reuniões mas aí eu comecei a perceber, vários colegas caíram na luta armada, eu pensei comigo: não, eu tenho um jornal na minha mão, com o jeitinho que a gente dá a gente consegue publicar alguma coisa e depois eu achava que você, sem recurso nenhum, você enfrentar um Exército, uma Marinha e uma Aeronáutica, com recurso inclusive do exterior, é uma coisa de louco. Eu não sei se hoje... eu às vezes incentivo os jovens a se rebelarem e tudo, e aquela turma na nossa época se rebelou, foi para rua mesmo. Eu me lembro que o operário do João Goulart foi para rua e fazia greve, os sindicatos, e reivindicavam reforma agrária, a classe média era contra aquilo, aí se inverteu, quando a garotada foi para rua lutando contra a ditadura, eu me lembro que eu estava em cima do prédio encostado para fotografar, os operários diziam que era coisa de filhinho de papai. Eu sinto hoje, eu vejo que nunca houve uma integração da classe média com a classe mais pobre para reivindicar um país melhor. Na hora que um precisava de apoio o outro não deu. Essa menina, a loura dos assaltos a banco, eu estava nesse trabalho de ronda na cidade quando o Juvenal Portela me chamou pelo rádio e me pediu que eu fosse na rua Uranos, parece, ali no Méier. Tinha havido uma troca de tiros e morreu uma líder. Eu fui, cheguei lá e estavam os policiais todos em volta, eu olhei o cadáver, fotografei, notei a roupa que estava, como estava vestida. Essa loura dos assaltos era procuradíssima, aí eu olho para o lado e tem um conjunto habitacional, fui conversar com os moradores e encontrei uma senhora na cadeira chorando e eles estavam dando água à ela, ela chorando. Ela disse: "moço, isso é uma covardia, trouxeram ela num carro e botaram ali e ela saiu correndo gritando não faça isso, não faça isso, meteram bala nela e mataram ela". Eu escrevi tudo isso, depoimento de um e de outro que viu e tudo, entreguei, não publicaram. Falei com o Carlos Lemos que era sub-editor, ele disse: "não Jacob, um dia a gente vai fazer um livro e contar tudo isso", até hoje eu não vi. O que acontecia na ditadura era que no

outro dia saía a notinha do Doi-Codi: "Ontem, por volta das 12 horas, ao estourar o aparelho, houve troca de tiros e morreu a líder... e deu o nome dela". As matérias que você fazia não saíam e saíam as notinhas da ditadura. Foi um período difícil mesmo, tanto é que o JB, eu acho que foi isso, nunca conversei com ninguém, não sei, o JB tinha uma editoria de política que a gente saía e fazia as matérias e tudo e quando ele viu que não tinha liberdade de divulgar a política, ele criou a editoria de polícia, porque não existia no JB editoria de polícia. Tinha o Abel que era o único repórter. Você ficava no telefone e ligava para as delegacias policiais, hospitais, pegava as informações do que estava acontecendo na cidade, passava para o chefe de reportagem, o chefe de reportagem fazia uma análise e mandava a equipe cobrir. Com a queda do setor político, o JB criou a polícia e contratou repórteres que eram, principalmente, do jornal O Dia e criou a editoria de polícia e passou a cobrir os crimes mas sempre levava vantagem porque esses repórteres de polícia na maioria são ligados à própria polícia, às vezes, por exemplo, o jornal do Tenório Cavalcanti, Luta Democrática, eles, às vezes, quando estavam sem assunto, ligavam para o delegado e inventavam uma blitz e prendiam operários e tudo, botavam como se fossem marginais, era uma maneira de vender o jornal. O JB não tinha essa coisa. Lembro de uma matéria que nós fizemos. A polícia matou também, era um marginal, segundo eles, procuradíssimo. Inclusive o Mineirinho, essa coisas. Você via um crime na Zona Norte, um crime na Zona Sul, assalto não sei aonde, o nome da vez coitado era daquele marginal. Era impossível ele estar num mesmo lugar, mas só saía ele. Criavam aquela imagem e depois prendiam e matavam aquele rapaz. Eu fiz, me lembro que ali na rua Humaitá, aquilo tudo ali atrás tinha uma favelinha ali, é Humaitá, ali na descida para o Jardim Botânico, chamava Favela do Sossego. Nós fomos fazer esse marginal que era famoso lá, tinha sido morto, segundo a polícia trocou tiros, aí o policial estava lá com ele. Nós fotografamos o marginal caído lá, 4 velas acesas. Geralmente cadáver sempre tinha 4 velas acesas. A polícia dando a versão deles que os jornais cobriam, que ele trocou tiros e morreu. Quando eu vejo, cai do bolso quando eles viraram o cadáver, um remédio daquele que a gente botava no dente com dor de dente, é uma pastazinha que tem e tinha o nome da farmácia. Você vê que a gente, às vezes, de um detalhe você consegue. Eu li o nome da farmácia, era lá na Voluntários da Pátria, fomos lá para checar e os caras disseram que realmente ele tinha sido preso ali, o farmacêutico, o dono da farmácia. Caiu a versão, os jornais todos policiais deram como troca de tiros e que ele foi morto. A gente mostrou que ele foi preso, levado para lá e foi assassinado lá pelos policiais. O JB que não dava muito destaque à polícia quando tinha um caso assim, o JB sempre estava à frente das

matérias, o lado humano, mostrava que ele foi executado. Até o título da fotografia em cima era: "Caiu no Sossego" que era o Morro do Sossego.

Eu tinha dois apelidos no trabalho: Irmã Paula e Olho de Águia. Olho de Águia porque eu estava na rua e via coisas e fotografava e apurava. Tem muita coisa assim de rua que dava matérias. Eu sempre digo, tinha a reunião de pauta de manhã então o governador hoje vai inaugurar isso, vai inaugurar aquilo, eram escalados colegas para cobrir aquilo e eu ia para rua e às vezes trazia a primeira página porque acontecia na minha frente uma briga ou um tombo até de uma mulher e eu na hora fazia a foto, essa coisa é instantânea. Me chamavam de Irmã Paula porque eu dava ouvido ao marginal, o criminoso, o criminoso também tem seu lado humano, não se essa é a palavra correta. Prenderam um rapaz e os colegas repórteres de polícia desses jornais chamaram de safado porque ele estourava carros na rua e levava o rádio. Era um rapaz bonito e eu cheguei para ele e perguntei como tinha sido isso e ele algemado não quis conversa. Os colegas falando para eu deixar de bobagem que ele devia levar uns cacetes. Eu voltei para ele e pedi ao delegado para tirar a algema dele. Ele me pediu um cigarro eu pedi ao policial, dei para ele e ele deu três tragos e aí ele contou que morava no Grajaú e que lá tem um grupo que cheira cocaína, que fuma maconha e ele passava ali e ofereciam e ele não aceitava e eles começaram a chamá-lo de bicha, de viado, dizendo que ele não era homem. Ele disse que não ligava mas aquilo foi mexendo com ele, ele não queria entrar naquele grupo mas um dia no ano-novo ele foi levar a namorada no ponto do ônibus e tinha misturado vinho e uísque, já estava meio doidão, e eles provocaram e ele cheirou a cocaína e ele achou bom. O pai dava dinheiro para pagar a escola e ele passou a comprar a droga. O pai descobriu, deu uma surra e passou a pagar o colégio. Era um português, um pai durão, dono de comércio. Ele aí começou a pegar coisas de dentro de casa e trocar por droga. Ele subiu com televisão lá no morro do Boréu para trocar por droga. Bem, estou contando toda essa história para mostrar que o criminoso também é uma vítima, ele era vítima da família. A gente fazia no JB o lado humano. Os outros jornais faziam o lado policial e nós mostrávamos o lado humano, de que o criminoso também pode ser vítima de alguma coisa.

Quando viajava, às vezes, os colegas iam para a zona, eles iam encontrar com as mulheres e eu tinha aquela coisa: eu não sou o Jacob, eu sou o repórter do JB ou da Manchete ou do Globo depois. Eu tinha medo de acontecer alguma coisa e envolver o nome da empresa em que eu trabalhava. Então eu ficava com as prostitutas conversando, querendo saber o caminho que elas fizeram para chegar até ali. Elas mostravam que eram filhas das pessoas que trabalhavam no campo, que o fazendeiro tinha se aproveitado delas, ou o filho do fazendeiro e os pais

diziam que elas é que tinham que dar o respeito e botava para fora de casa. Não tinha para onde ir e elas iam para a prostituição. Esse lado que me preocupava fazia os colegas me chamarem de Irmã Paula. Até dentro do jornal, certos problemas que aconteciam eu sempre procurava olhar pelo lado humano. Aí que fiquei com os dois apelidos.

Como foi o episódio de 1968, em que você foi gravemente ferido?

Eu me lembro que foi escalado para fazer esse trabalho o Alberto França, o Odyr Amorim e eu. Era para cobrir missa do Edson Luiz, o estudante do Calabouço que foi assassinado. Eu fui várias vezes ao Calabouço para fazer a revolta estudantil e não acontecia nada. Chegava lá estava a polícia cercada. Lembro que uma vez, o único repórter que cobria polícia era o Abel e a gente acompanhava ele. O Abel chegou e pediu: "Jacob, vamos lá". "Mas de novo Abel?" A gente foi e não teve nada, mas teve uma das vezes que teve o assassinato. Aí marcaram a missa do Edson Luiz e me escalaram para fazer. Foi o Alberto França e o Odyr Amorim, eles ficaram de cima. E eu fui com a máquina só debaixo. Eu sempre preferi trabalhar sem teleobjetiva porque eu tinha facilidade de botar, hoje a máquina foca sozinha, vê a luz, imprime, antigamente você tinha que ter noção, não tinha nem fotômetro, era olhómetro que a gente chamava, você tinha que dar o diafragma, a velocidade. E outra coisa, a objetiva normal, principalmente, você tem um campo focal maior. Eu preferia cair no acontecimento, do que ficar de longe assistindo, retratando no momento. Eu fiquei debaixo, fui para dentro da igreja fotografei a missa e eu me espantei em ver que não era estudante só, tinha senhoras com crianças, talvez mães e pais dos alunos, dos estudantes e uma figura que me chamou atenção foi a pintora Djanira ajoelhada rezando. Eu tinha feito na Manchete uma matéria com ela lá em Santa Teresa, e eu achei aquilo tão bonito. Mas eu sai da igreja e vejo o helicóptero do Para-Sar passar por cima. Olha, eu fiquei tão triste porque o Para-Sar foi sempre um grupo que era para salvar as pessoas. Eu fiz com eles várias matérias, uma vez o avião caiu na selva e eles desciam naquele parapente para salvar as pessoas, enchente na Bahia. Era sempre um grupo do lado bom da vida, eu fiquei tão triste de ver o helicóptero do Para-Sar rodando a igreja e de repente senti um clima, parecia que ia acontecer alguma coisa. De repente, eu vejo a cavalaria surgir na Presidente Vargas, eles cercaram a igreja. Eu sempre lembro isso, nas crônicas do Ibrahim Sued, quando ele queria dizer que a coisa não acontecia, ele dizia que cavalo não sobe escada. Pôxa, os cavalos subiram aquela escada da Candelária, uma foto que eu fiz, uma das fotos que eu estava fazendo era uma mãe com a criança no chão e o cavalo em cima assim e o policial espancando. Foi quando eu recebi uma pancada nas costas e virei, veio outro de lá

à cavalo, eu corri para lá, veio outro para cá, aí o outro meteu o sabre na minha cabeça, o sangue abriu escorrendo, minha costas toda roxa, depois que eu vi, e pancada e pancada. Veio o momento que senti que não ia dar, eu não tinha mais força. Eu gritei: "vocês estão me matando!" Aí me pegaram e enfiaram no camburão. Aquele carro da polícia que cabiam umas cinco pessoas mas tinham quase dez ali dentro. Fecharam. Um mendigo bêbado lá dentro, o suor, não tinha ar para respirar. A camisa toda cheia de sangue. Levaram a gente para a polícia central, onde funcionou depois o Doi-Codi. Quando chegamos lá a gente pensou que tinha terminado, mas tinha um corredor polonês, policiais de um lado e do outro, espancando de novo, chutando a gente. Subimos, levaram a gente lá para o segundo andar. As meninas naquela época, hoje você vê a coisa liberada, mas naquela época, talvez foi daí em diante que veio a pílula anticoncepcional, veio a liberdade sexual, da década de 60 para cá, as meninas, as moças estudantes, tudo encostado lá e vinha o policial apalpava as meninas e eu estou observando porque eu sempre fui um cara que observava as coisas. Ele ia lá para outro e contava que aquela morena, aquela loura, não sei o quê, aí vinha o outro e apalpava também, abusando das meninas. Isso até eu botei na matéria depois, escrevi isso, a entrevista que eu dei depois também espancado. Foi quando um dos coleguinhas que cobriu ali a área me viu machucado, foi lá e ligou para o jornal e o jornal entrou em contato. Para me liberarem queriam que lavasse o rosto, lavei o rosto e fui para o Souza Aguiar. Do Souza Aguiar, o Dines me internou em Botafogo numa clínica onde eu fiquei cinco dias. Fiz radiografias e não tive fraturas, mas o corpo estava todo machucado.

Jacob, e as fotos?

A máquina ficou com eles, só que depois essa máquina, eu acho, foi devolvida ao jornal. O que aconteceu: a polícia cercou os jornalistas todos ali, tomou os filmes todos dos cinegrafistas porque naquela época a filmagem era filme, igual fotografia, fez um monte de filmes e tocou fogo. Quando os colegas que estavam em cima perceberam, eu queria encontrar essa moça, eu encontrei com ela, ela está num jornal em Petrópolis - eu fiz um erro grande na minha vida de não anotar as coisas -. ela botou na calcinha os dois rolos de filme do fotógrafo que eram o Alberto França, que hoje essas fotos estão saindo aí com o nome do Evandro Teixeira, Alberto França e Odyr Amorim. Foi quando o jornal publicou as fotos e o Brasil todo, jornal até de Alagoas publicou, jornal internacional, parece, não sei se o New York Times, que publicou as fotos do espancamento. Esses filmes chegaram ao jornal. Jornalista mesmo nas horas graves são sempre gozadores. Pegaram o filme e deram para o laboratorista revelar e contaram que a moça tinha botado na

calcinha. Ele pega o filme, cheira e diz: "essa é da boa" e levou para o laboratório para revelar. As fotos foram primeira página nos jornais. Uma semana depois, até eu fui cobrir isso, o Negrão de Lima, que era o governador, chegou para mim e disse: "desculpe, mas, infelizmente, agressão a você era porque não sabiam que você era jornalista". Eu disse: "não senhor, eu fui agredido exatamente por ser jornalista, eu estava com a máquina fotografando". Aí o Hélio Pelegrino botou o dedo na cara dele, estava o Caetano Veloso, o Gilberto Gil, tinha uns artistas.

Isso foi a Passeata dos Cem Mil?

Foi dali que saiu a Passeata do Cem Mil. A revolta, a reunião ali e marcaram a Passeata dos Cem Mil. Essa passeata eu fui para cima de um prédio e fotografei de cima. Teve um momento em que você tinha o cuidado de não denunciar. Era um tipo de denúncia você fotografar a garotada, a juventude, artistas naquela revolta, podia amanhã a repressão identificar e prender eles. Mas veio um instinto assim e deu para documentar em dois negativos, porque até o jornal teve esse cuidado. Eu botei uma tela e enchi a cara de pessoas, um grupo assim, isso ficou tudo no arquivo do jornal, não foi publicado, mesmo até pelo cuidado de não mostrar quem estava ali. Estava a foto mais distante. Essa foto hoje está saindo com o nome do Evandro Teixeira, fez livro e tudo, foi minha que eu fiz de cima. O Evandro estava embaixo, até já deu entrevista, ele estava acompanhando o Vladimir Palmeira. Infelizmente é assim, não é?

Era comum haver falsos fotógrafos fotografando as pessoas?

Sim, eu me lembro de um colega que trabalhou na revista Manchete mas não foi no meu período que estava denunciando. Não sei o quê Carvalho. Denunciava os colegas. Você tinha que ter um cuidado, quando você bobeava ele estava te fotografando. Eu acho que esse tipo de orientação é até de fora não é? Eu me lembro que eu morando na Catacumba, antes do Golpe Militar, a antropóloga americana Janice Perlman, então estudante, me entrevistou, levada por uma empregada que morava na Catacumba. Ela queria saber como os moradores poderiam sair na rua para contestar. Eu disse que era botar um ônibus e tal. O morador da favela não tinha essa coisa de ir para a rua. Anos depois, essa moça, encontro ela na prefeitura, ela me reconheceu, fez até uns livros aí, me entrevistou e tudo, mas ela não mostra que me conheceu em 1963, mais ou menos, quase o Golpe. Não sei se levanto uma calúnia, mas eu acho que ela era uma das pessoas que faziam uma coisa para enviar para o exterior. Esse golpe veio de fora, por causa de Cuba. Cuba se livrou dos EUA e o americano tinha medo de que toda a América Latina acompanhasse Cuba, e estava acompanhando mesmo.

Dentro do nosso trabalho, principalmente na imprensa, nos escritórios, sempre tinha alguém te acompanhando para saber o seu comportamento. Eu estive preso na Marinha, mas prisões rápidas. Um colega meu foi preso, torturado, ele saiu de lá e disse: "Jacob, cuidado porque muitas perguntas foram sobre você". Aí eu comecei a andar na rua preocupado. A prima do Gabeira, está aí num programa de televisão, como é o nome dela? Trabalhei com ela no JB, daqui a pouco eu lembro, elas faz entrevistas à beça. Ela pediu material para mandar para o exterior, porque a gente não podia publicar aqui. Eu consegui e mandei e logo depois aquela perseguição. As pessoas dizendo cuidado Jacob. Eu ficava com medo de ser preso a qualquer momento. Veio um rapaz que estagiou também no JB e que foi artista de televisão, da TV Globo, e marcou comigo, chamava "ponto". Eu não sabia o que era "ponto", marcou ali no Hospital Pedro Ernesto, no segundo poste. Eu, por acaso, não fui. Ele voltou e marcou. Ali era uma coisa para me agarrarem. A ditadura fazia isso. E você mostrava que se você foi era porque estava comprometido. Eu andava preocupado e até que um dia me prenderam e me levaram para o Quartel da PE. Eu fiquei lá numa sala e ouvia gritos de pessoas. Foi quando chegou um sargento negro e me mandou ficar calado e me enrolou num cobertor e me levou para o carro, era uma Veraneio. Quando ele me levou, disse: "Roberto, vê se você some daqui". Por acaso eu tinha uma viagem com o Nonato Masson, que eu viajei três meses e fiquei fora do Rio. Mas aí eu pensei: Roberto? Aí que eu liguei que devia ser um garoto da Catacumba porque na Catacumba eu era conhecido como Roberto. Por acaso, eu me salvei, talvez. Agora, prisões eu tive várias, até com polícia feminina. No feriado longo, você ia para rodoviária para fotografar e você era preso porque tinha que pegar uma autorização lá no Castelo para poder fazer a foto. E você, às vezes, estava por ali, fazia e eles te prendiam. Te levavam de manhã e você saía de madrugada, às vezes. Um tipo de castigo. Foi um período difícil.

Eu não fui aposentado como perseguido pela ditadura. Vários colegas meus que não passaram nem metade do que a gente passou estão aí ganhando dez mil reais. Foi indenizado em não sei quantos milhões e eu estou aí trabalhando para pagar plano de saúde. Enquanto tiver força, não é? Agora vem final de governo, não sei se a gente continua ou não. Então vejo que podia ter entrado com pedido também e não entrei, mas tudo bem, a vida foi essa.